

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

9 - 2025

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



OPHIUSSA REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PUBLICAÇÃO ANUAL · ISSN 1645-653X · E-ISSN 2184-173X

Volume 9 - 2025

DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Elisa Sousa

Cristina Gameiro

Francisco B. Gomes

CONSELHO CIENTÍFICO

André Teixeira

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Carlos Fabião

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Catarina Viegas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Gloria Mora

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MADRID

João Pedro Bernardes

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

José Remesal

UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Leonor Rocha

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Manuela Martins

UNIVERSIDADE DO MINHO

Maria Barroso Gonçalves

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Mariana Diniz

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Raquel Vilaça

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Xavier Terradas Battle

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

SECRETARIADO

André Pereira

PAGINAÇÃO

TVM Designers

CAPA

Estela de Villafranca de los Barros.

Desenho de Pablo Paniego Díaz

<https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>

Dezembro de 2025

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

DEPÓSITO LEGAL 190404/03

A edição segue as directrizes Creative Commons
(licença CC/BY/NC/ND 4.0).

Copyright ©Revista Ophiussa 2025

EDIÇÃOUNIARQ – Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa,
Faculdade de Letras de Lisboa
1600-214 Lisboa.www.uniarq.net<https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>uniarq@letras.ulisboa.ptRevista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).
O cumprimento do acordo ortográfico de 1990
foi opção de cada autor.Esta publicação é financiada por fundos nacionais
através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia,
I.P., no âmbito do projecto UID/00698/2025
(<https://doi.org/10.54499/UID/00698/2025>) - Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ÍNDICE

Origins of raw milk consumption in the Iberian Peninsula and Portuguese territory: archaeogenetics and zooarchaeology GONÇALO GARCEZ FERNANDES, MARIA JOÃO VALENTE, HUGO RAFAEL OLIVEIRA, MARIA JOÃO FERNANDES MARTINS	5
A estátua-menir 3 da Serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) ANDRÉ TOMÁS SANTOS, SÍLVIA LOUREIRO MENDES, DIOGO OLIVEIRA, DOMINGOS J. CRUZ	25
La estela de Villafranca de los Barros y su contexto en la arqueología de Tierra de Barros PABLO PANIEGO DÍAZ, LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, MARIO PIÑERO FERNÁNDEZ	43
Mértola en la Edad del Hierro: investigaciones arqueológicas entre Estácio da Veiga y la actualidad (1877-2024) PEDRO ALBUQUERQUE, FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ, JOÃO FONTE	67
O sítio arqueológico de Alto do Castelo (Alpiarça). Revisão arqueológica e novas leituras não intrusivas JOÃO PIMENTA, TIAGO DO PEREIRO, JOÃO FONTE	89
El proceso de extracción de cobre en el Cerro de los Almadenes. Nuevas hipótesis y replanteamientos a través de un estudio comparativo JUAN ÁLVAREZ GARCÍA, GONZALO LOZANO OTERO, MARIANO AYARZAGÜENA SANZ	121
A cidade romana de <i>Ossonoba</i> nos inícios da nossa Era: novos dados a partir da intervenção na rua Ivens, n.º 16 FRANCISCO ROSA CORREIA, ANA MARTIN, JOÃO PEDRO BERNARDES	145
Regressar ao túmulo: a primeira campanha do Projecto de Documentação da Mastaba de Akhmerutnisut (G 2184, Guiza, Egipto) INÊS TORRES, LUIZA OSORIO G. SILVA, GUILHERME BORGES PIRES, MAARTEN PRAET, MOHAMED YOUSSEF SEDEK, MOHAMED KHALIFA, YASSER KAMAL HEFNI	165
The Writing of Archaeological Theory ARTUR RIBEIRO	187
<i>Res Naturae</i> . Archaeology in a posthuman Anthropocene and the archaeology of nature: a preliminary attempt MARA BEATRIZ AGOSTO	201
Recensões bibliográficas (TEXTOS: JOÃO PIMENTA, ANTÓNIO CARVALHO, YUNA LE QUÉRÉ, AMÍLCAR GUERRA, CARMEN RAMÍREZ CAÑAS, CRISTINA GAMEIRO)	221
Política editorial	239
Editorial policy	240

A estátua-menir 3 da Serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu)

The statue-menhir 3 of Serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu)

ANDRÉ TOMÁS SANTOS

Universidade de Coimbra, CEAAACP – Centro de Estudos em Arqueologia,
Artes e Ciências do Património, Faculdade de Letras.
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.
E-mail: a.t.santos@sapo.pt
ORCID: 0000-0001-9937-6523

SÍLVIA LOUREIRO MENDES

Húmus, Arqueologia e Valorização do Património Cultural.
Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.
E-mail: silvialoureiromendes@hotmail.com
ORCID: 0009-0006-7703-3777

DIOGO OLIVEIRA

Húmus, Arqueologia e Valorização do Património Cultural.
E-mail: geral@humus-patrimonio.pt
ORCID: 009-0008-1134-3195

DOMINGOS J. CRUZ

Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta
E-mail: domingos.cruz54@gmail.com

RESUMO: A estátua-menir 3 da Serra da Nave é um monumento, até agora inédito, que se junta a outros dois do mesmo tipo já conhecidos na região, implantando-se os três num vale de montanha caracterizado pela forte presença de dólmenes e outros monumentos tumulares de períodos pós-neolíticos. Como as estátuas-menires já conhecidas na região e outras peças da metade setentrional da Península Ibérica, caracteriza-se pela presença de um motivo subtrapezoidal com o bordo proximal convexo e os bordos laterais côncavos. Neste caso, o motivo associa-se a possíveis representações de espada (ou adaga comprida) e machado na face oposta. Tendo em conta o contexto arqueológico e os paralelos arqueológicos e figurativos para os motivos representados, defendemos uma atribuição da peça à Idade do Bronze Antigo ou Médio, sendo interpretada como mais uma forma de apropriação social do espaço e da memória como forma de legitimação de uma sociedade já fortemente hierarquizada.

PALAVRAS-CHAVE: Idade do Bronze; estátuas-menires; Beira Alta; legitimação social; Arte pré-histórica.

ABSTRACT: The statue-menhir 3 of Serra da Nave is the third monument of its kind found in this region of Central Portugal. It is located in a mountain valley nearby the other two monuments and in close connection with several dolmens and other burial mounds from post-Neolithic periods. The central motif of the piece is a subtrapezoidal shape with concave lateral edges and a convex proximal one. This same motif appears

in both the other monuments of Serra da Nave, as well as in other similar material from the northern half of the Iberian Peninsula. In this case, the motif is associated with a possible representation of a sword (or large dagger) and an axe, located both on the opposite side of the piece. Considering its archaeological context and the archaeological and figurative parallels of the depicted motifs, we argue that the monument should be attributed to the Early or Middle Bronze Age. It is interpreted as a form of social appropriation of space and memory, a process that should be understood as a way of legitimizing a society that was already strongly hierarchical.

KEYWORDS: Bronze Age; statue-menhirs; Beira Alta; social legitimation; prehistoric art.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é dar a conhecer uma nova estátua-menir identificada na Serra da Nave, importante unidade orográfica da Beira Alta, centro-norte de Portugal (Fig. 1). Esta peça junta-se, assim, a outras duas já identificadas no rebordo da depressão a que localmente se dá o nome de Chã das Lameiras,

fazendo deste sector da serra um dos espaços ibéricos com maior concentração deste tipo de achados. Para além delas, o entorno imediato caracteriza-se também pelo elevado número de monumentos sob *tumuli*, megalíticos ou de menor dimensão, assim como por outras estações pré-históricas que poderão ajudar-nos a perceber a importância destas materialidades no contexto da sociedade que as produziu.

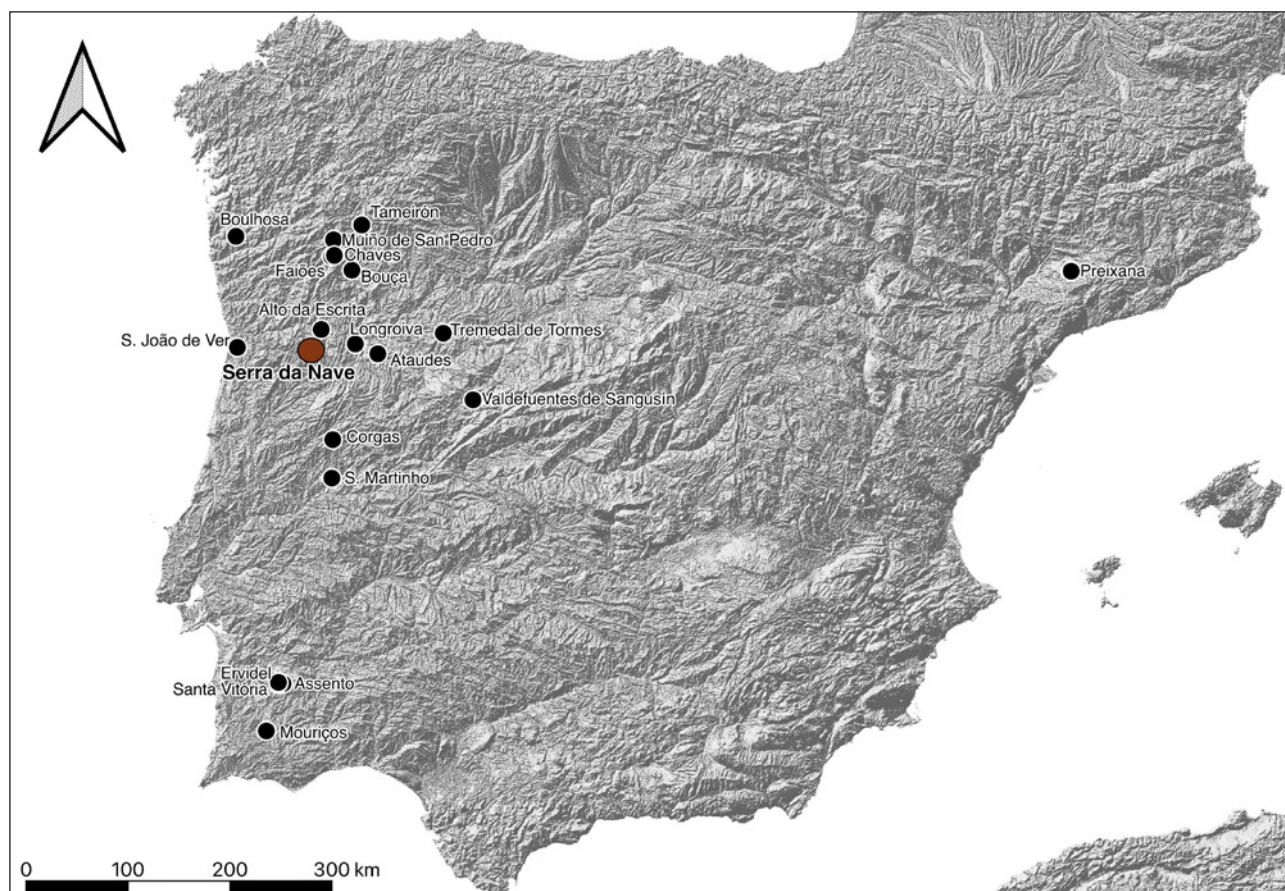


FIG. 1 Localização na Península Ibérica das peças da Serra da Nave e dos restantes monumentos referidos no texto.

A estátua em questão apareceu no âmbito de trabalhos de prospeção integrados no projeto “Estudo de Incidências Ambientais (EIncA) do Parque Eólico de Três Marcos (Castro Daire, Vila Nova de Paiva e Viseu)” realizado em 2012 para a empresa Archeoestudos, Lda., tendo sido identificada por dois de nós (SLM e DO) aquando da realocização do monumento do Torrão 1. O fragmento de estátua-menir encontrava-se depositado no lado sul do *tumulus* do monumento, afetado à data por trabalhos agrícolas, originando o revolvimento de terras e pedras também pelo lado poente. A prospeção nas imediações não revelou outros elementos que pudessem estar associados à peça.

Um primeiro registo acabou por se realizar no dia 22 de setembro de 2012 (decalque direto e fotografia). Vicissitudes várias acabaram por não permitir a publicação mais atempada da peça, tendo esta, entretanto, sido deslocada e colocada num plinto de metal, à beira do caminho que passa junto ao sítio onde foi encontrada, trabalho levado a cabo sob a responsabilidade da Câmara Municipal de Moimenta da Beira e da Junta de Freguesia de Alvite. Tendo-se recentemente reunido as condições para a publicação do monumento, voltou-se ao campo a 6 de agosto de 2024 para se realizar o seu levantamento fotogramétrico, método que permite registar de forma mais rigorosa a sua volumetria. Note-se que, no entanto, este novo método, não conduziu a novas observações sobre o achado.

2. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO GEOGRÁFICO E AMBIENTAL

A estátua-menir que aqui se dá a conhecer foi encontrada cerca do rebordo noroeste da Chã das Lameiras, nos limites da Quinta do Torrão, numa zona aplanada, correspondente a um colo onde nascem duas linhas de água (Fig. 2). Uma, que corre no sentido su-sudoeste, é subsidiária do rio Touro (também chamado rio Côvo, mais a jusante), afluente do Paiva; a outra corre no sentido nordeste; é um dos muitos córregos que contribuem para o ribeiro da Nave, afluente do rio Varosa (Fig. 3). A peça foi encontrada na freguesia de Alvite, concelho de Moimenta da Beira, distrito de Viseu, nas coordenadas 40° 56' 32,8" N e 7° 42' 38,6" O (Datum WGS84), à altitude de 946 m. Mas como se referiu, a peça foi, entretanto, deslocada, encontrando-se atualmente nas coordenadas 40° 56' 33,8" N; 7° 42' 39,8" O (Datum WGS84).

A Chã das Lameiras corresponde a uma ampla depressão, ou seja, utilizando a terminologia de O. Ribeiro, um “vale de montanha” (Ribeiro 1951: 51), amplo e de fundo chato, com drenagem limitada, de carácter alagadiço, propício ao desenvolvimento de uma cobertura vegetal própria de ambientes húmidos — vegetação higrófila —, e, nos seus limites, vegetação arbustiva; os diferentes córregos que aqui têm origem constituem as nascentes do rio Varosa que, com o troço final do rio Balsemão, junto ao Douro, definem aproximadamente o limite este e sudeste da



FIG. 2 Localização aproximada do achado da peça em estudo. Vista de és-sudeste.

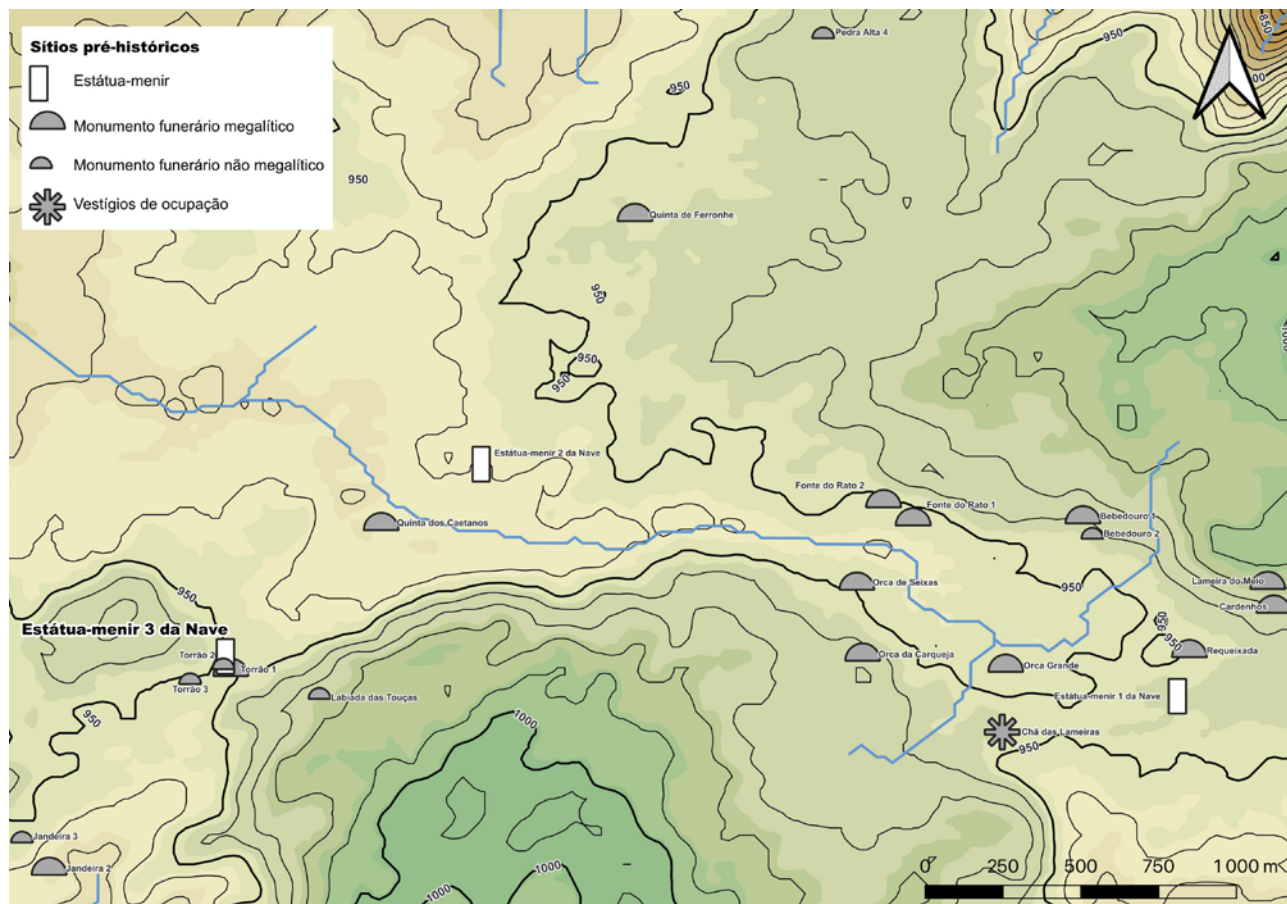


FIG. 3 Implantação da estátua-menir 3 da Nave no seu contexto arqueológico imediato. A localização da mamoa 3 do Torrão e do monumento de Ferronhe é aproximada.

serra do Montemuro. O possante depósito sedimentar da Chã das Lameiras tem a sua origem ainda no Tardiglacial, tendo o estudo palinológico e antracológico de amostras aí recolhidas revelado importantes dados paleoambientais desde essa época até à atualidade (López Sáez – Figueiral – Cruz 2017) e sobre os quais voltaremos mais adiante. O Varosa, como todas as linhas de água que sulcam a serra da Nave integram-se na bacia hidrográfica do Douro, aí se encontrando igualmente as nascentes do Paiva e alguns subsidiários da margem esquerda do Távora.

A Serra da Nave corresponde aos níveis culminantes dos planaltos centrais (Ferreira 1978: 87-140), o nível de aplanamento mais antigo que caracteriza a região, a que se seguirão o da “superfície fundamental”, um outro mais recente, denominado por Brum Ferreira como o nível de “Pendilhe” e um eventual quarto, embutido neste último e correspondente ao antigo vale do Paiva.

Trata-se, de facto, de uma região tendencialmente planáltica, delimitada a oeste pela serra de Montemuro,

a leste pelo rio Távora e a sul pelos relevos dos concelhos de Sátão e Viseu (Cruz 2001: 3-4). Em termos de altitude, a serra varia entre os poucos mais 1000 m dos seus relevos principais — tais como Leomil (1008 m), Laje Branca (1012 m) ou Nave (1016 m) — e os 900 m que constituem as cotas mais elevadas da superfície fundamental.

Geologicamente a região é dominada pelos granitos, de idade hercínica, e as litologias xistosas, ante-ordovícicas — “complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico e séries metamórficas derivadas”. Os filões de quartzo são bastante expressivos, por vezes assumindo a forma de cristas, muito evidentes na paisagem por força dos processos de erosão diferencial. São escassas as litologias mais recentes, o que se justificará pela morfologia dos vales da região, normalmente profundos e entalhados; conhecem-se, de qualquer modo, alguns depósitos de terraço, de idade plistocénica, e depósitos aluvionares, restritos e pouco espessos, já do Holocénico (Schermerhorn 1956; 1980; Ferreira – Sousa 1994).

O clima foi caracterizado como “marítimo de transição”, sendo essencialmente influenciado pelas massas de ar que vêm do Atlântico, particularmente nas zonas mais altas e planaltos, mas já se fazendo notar os efeitos da continentalidade, sobretudo nas depressões. Os verões são, assim, moderados e os invernos frios e muito frios (Ribeiro – Lautensach – Daveau 1988). A precipitação no Alto da Nave anda entre os 1000 e os 1500 mm anuais (Medeiros 1985).

Do ponto de vista da biogeografia, a serra da Nave faz parte da província Cantabro-atlântica, subprovíncia Galaico-asturiana, sector Galaico-português, subsector Miniense, que se caracteriza pela existência potencial de carvalhais mesotemperados e termotemperados de *Rusco aculeati-Quercetum roboris quercetosum suberis*, assim como de urzes, tojais e giestais (Costa *et al.* 1998: 10). Mais especificamente, a região localiza-se no superdistrito Beiraduriense, caracterizado pela associação de carvalho-negral (*Holco-Quercetum pyrenicae*) com giestais (*Lavandulo sampaionae-Cytisetum multiflori* e *Citiso striatii-Genistetum polygaliphyllae*),

urzais/tojais (*Ulici minoris-Ericetum umbellatae*), prados de lima (*Anthemido-Cynosuretum cristati*) e juncais (*Peucedano-Juncetum acutiflori*) (Costa *et al.* 1998: 11).

Como referimos atrás, foram efetuados estudos polínicos e antracológicos na Chã das Lameiras que revelaram, a partir dos inícios do Holocénico recente, em momento genericamente contemporâneo da ereção destes monumentos, uma fase de desflorestação caracterizada por um claro declínio de carvalhos de folha caduca e outros *taxa* mesófilos, como amieiros e bétulas, a par da expansão de herbáceas (designadamente gramíneas), urzais e giestais, o que, a par da identificação de fungos coprófilos e *taxa* antropogénicos e antropozoogénicos, indicia uma intensificação da atividade humana em geral e da pastorícia em particular, nas imediações, assim como um clima de condições mais secas (López Sáez – Figueiral – Cruz 2017: 20), compatível com a aridificação detetada, por esta altura, em vários pontos do planeta a que se convencionou denominar evento 4.2 (*e.g.* Walker *et al.* 2018: 5).

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A Serra da Nave, como toda a região do Alto Paiva, é marcada por uma forte densidade de monumentos pré e proto-históricos de diversos tipos (Cruz 2001; Loureiro – Marques – Valinho 2006). Entre estes, contam-se outras duas estátuas-menires, publicadas anteriormente (Cruz 2001: 390-391; Cruz – Santos: 2011). Localizam-se ambas muito perto da que agora se dá a conhecer e igualmente em estreita relação com a Chã das Lameiras.

A estátua-menir 1 da Nave (Fig. 4) encontra-se a cerca de 3 km para leste da estátua 3, genericamente nos limites orientais da Chã das Lameiras. O seu posicionamento, ainda vertical, contribuiu para que se considerasse ainda poder estar *in situ* (Cruz – Santos: 2011: 123). Trata-se de uma peça granítica, com 1,36 m de altura acima do terreno. O anverso é caracterizado pela presença de um motivo genericamente trapezoidal, com os bordos laterais e superior côncavos e o basal convexo. Este motivo é encimado por um retângulo, que corresponderá ao pescoço do personagem, sobre o qual assenta a cabeça subtrapezoidal, no interior da qual parece reconhecerem-se dois pontos que conformarão os olhos (Cruz – Santos: 2011: 124-125).



FIG. 4 Anverso da estátua-menir 1 da Nave (foto e decalque de ATS e DJC).

Daquele motivo central saem seis traços que contornam a peça e cuja regularidade é interrompida no reverso por ressaltos convexos. Na zona do reverso observam-se outros dois traços abaixo destes seis e acima de um outro que contorna toda a peça de forma regular. Abaixo deste traço basal identificam-se pequenas área de contorno irregular ovalado que numa primeira hora foram interpretados como lascamentos, mas que agora foram lidos como possíveis elementos de um cinturão delimitado inferiormente por um outro sulco, entretanto identificado (Araque Gonzalez *et al.* 2024: 10). Estes mesmos trabalhos permitiram ainda precisar a altura total da peça (1,77 m). Tecnicamente, a peça foi gravada por picotagem e abrasão após desgaste da mesma, particularmente no anverso.

Estes novos dados provieram de uma escavação realizada no sítio que permitiu a identificação de um contexto arqueológico em torno da peça (Araque Gonzalez *et al.* 2024). Entre os resultados, destaque-se a identificação da fossa de implantação do monumento, a identificação de uma lareira, assim como algum material cerâmico e lítico. A fossa terá cortado um nível alterado pela ação do fogo (unidade estratigráfica 28). Do topo desta camada proveio a data FTMC-IP30-3 (2149±27 BP) e FTMC-IP30-4 (2076±27 BP) e da sua base a data FTMC-IP30-6 (2127±27 BP) (Araque Gonzalez *et al.* 2024: 20). A calibração a 2σ destas datações remete assim a formação ou alteração deste depósito para momentos entre os inícios do século II e meados do século I AC, embora não se possa excluir terminantemente que tal tenha ocorrido em momento algo anterior ou posteriormente¹.

Alternativamente, podemos olhar para estas datas como correspondentes não à formação do depósito, mas à sua alteração pelo fogo. De facto, no perfil estratigráfico estudado na Chã das Lameiras foram datadas duas amostras estatisticamente semelhantes às agora publicadas. Trata-se das amostras GrA-26915 (2155±35 BP) e GrA-17074 (2165±40 BP) (López Sáez – Figueiral – Cruz 2017: 14), o que atesta a existência de um grande e extenso incêndio, aliás observável no



FIG. 5 Anverso da estátua-menir 2 da Nave (foto e decalque de ATS e DJC).

corte deixado a descoberto pelo valado onde se efetuou esta amostragem e que se estende por alguns quilómetros. A unidade estratigráfica 28 pode ser assim anterior ao levantamento da estátua-menir, mas ter sido alterada no âmbito do incêndio ou incêndios que terão ocorrido por esta altura na Chã das Lameiras, do qual se preservaram alguns carvões não só aqui, como também no corte onde se recolheram as amostras que permitiram o estudo da evolução paleoambiental do entorno.

A estátua-menir 2 (Fig. 5) encontrou-se a cerca de 2 km para nor-nordeste da estátua 3 e a 3,3 km para noroeste da estátua 1 (Cruz – Santos 2011: 125-127). Não se encontrava, no entanto, *in situ*. De facto, encontrava-se em posição invertida, a servir de pilar de uma vedação de arame farpado. Por outro lado, informações orais apontam para o seu achado original mais para sul, na Quinta dos Caetanos (Cruz 2001: 171), o que a relaciona de forma mais evidente com o limite ocidental da Chã das Lameiras e com as

¹ A calibração a 2σ destas datas pelo Oxcal (Bronk Ramsey 2009; 2021), com recurso à curva IntCal20 (Reimer *et al.* 2020) resulta nos seguintes lapsos de tempo: FTMC-IP30-3 — 352-289 AC (26,7%), 227-220 AC (0,9%), 210-94 AC (64%), 75-55 AC (3,9%); FTMC-IP30-4 — 171-35 AC (89,3%), 16 AC-6 DC (6,1%); FTMC-IP30-6 — 343-321 AC (7,7%), 202-52 AC (87,8%).

restantes estátuas-menires. Ao contrário da estátua 1, esta dispõe de uma face claramente definida, com olhos, nariz e boca. Esta é encimada por possível tocado e assenta sobre a figuração de colares definidos por quatro traços côncavos, paralelos entre si, que se juntam, na zona dos ombros, a possíveis representações de ombreiras. Uma figura sub-retangular, do tipo da que se encontra na estátua-menir 1, arranca do segundo colar a contar de cima e desenvolve-se até ao quarto basal da peça, onde se encontra veio de quartzo que poderá ter servido de limite inferior da composição. O motivo sub-retangular é atravessado a meio por um cinturão que se prolonga pelos dois lados da peça. Entre este e os colares, o motivo sub-retangular é ladeado por zigzagues dispostos na vertical. No lado esquerdo da peça reconhece-se ainda um motivo arboriforme disposto na vertical. Tecnicamente, a peça é mais complexa que a estátua-menir 1, tendo-se reconhecido, para além da picotagem e da abrasão, o baixo-relevo e a gravura modelada (*sensu* Barrière 1993: 275).

No entorno mais imediato destas peças encontram-se vários monumentos sob *tumulus*, atribuídos a diversas cronologias. Alguns destes *tumuli* envolvem construções megalíticas. Em torno da estátua 1 conhecem-se dólmenes simples e de corredor. Entre os primeiros contam-se Fonte do Rato (Leisner – Leisner 1956: 71; Leisner 1998: 17; Cruz 2001: 377), Bebedouro 1 (Leisner 1998: 17-18; Cruz 2001: 377), Lameira do Meio (Leisner 1998: 18; Cruz 2001: 375), Cardenhos (Leisner 1998: 18; Cruz 2001: 374-375) e, eventualmente, Requeixada (Leisner 1998: 18; Cruz 2001: 375) e Fonte do Rato 2. Este último monumento foi identificado no decorrer dos nossos últimos trabalhos de campo. Trata-se de um *tumulus* com cerca de 30 m de diâmetro e 2 m de altura, no centro do qual se observa fossa de violação onde se reconhecem dois esteios. Entre os monumentos de corredor contam-se Orca da Carqueja (Leisner 1998: 18; Cruz 2001: 375-376), Orca Grande (e.g. Vasconcellos 1919-1920: 221; Leisner – Leisner 1956: 98; Cruz 2001: 376) e Orca de Seixas (e.g. Monteagudo 1977: 427, taf. 123; Leisner 1998: 15-17, taf. 2-6; Cruz 2001: 145-150, 376-377; Cruz *et al.* 2018), de onde provêm datações que atestam a utilização e encerramento do monumento durante o primeiro terço do IV milénio AC (Kalb 1981: 147-150; Cruz 2001: 237-242). Estes resultados conformam-se aos

restantes da Beira Alta que atestam que estes monumentos são construídos por esta altura, podendo os dólmenes simples serem, eventualmente, pouco mais antigos (Cruz 1995; 1998; 2001).

De cronologia algo mais recente, será o *tumulus* 2 de Bebedouro (Leisner 1998: 18; Cruz 2001: 377-378), a avaliar pela sua dimensão (menos de 50 cm de altura) e paralelos com monumentos semelhantes da região datados, pelos materiais e radiocarbono, já da Idade do Bronze (Cruz 1995; 1998). Alguns, como Serra da Muna (Cruz – Gomes – Carvalho 1998a) foram construídos ainda durante o Bronze Antigo, tendo outros, como os que conformam o grupo tumular de Casinha Derribada (Cruz – Gomes – Carvalho 1998b) ou da Senhora da Ouvida (Cruz – Vilaça 1999), sido construídos já durante o Bronze Médio e Final, como atestam as datações de radiocarbono.

Perto do local do achado da estátua-menir 2 apenas se conhece o dólmen da Quinta de Ferronha, cartografado na folha 14-B da Carta Geológica de Portugal (Ferreira – Sousa 1994) e, entretanto, destruído (Cruz 2001: 374). Contudo, a ter em conta as informações orais referidas acima, o monumento que se localizaria mais perto do local original da estátua-menir seria o da Quinta dos Caetanos, uma construção dolménica, muito provavelmente provida de corredor (Leisner 1998: 15; Cruz 2001: 378).

Como se referiu acima, a estátua-menir 3 foi identificada sobre o *tumulus* de um dos monumentos que compunham a necrópole do Torrão (Leisner – Leisner 1956: 71; Leisner 1998: 14-15; Cruz 2001: 378-379). A mamoa 1, sobre a qual apareceu a peça, apresenta cerca de 25 m de diâmetro e 1,5 m de altura, contendo um dólmen simples fechado; a cerca de 25 m para noroeste localizava-se um outro *tumulus*, mais pequeno (monumento 2), com cerca 10 a 12 m de diâmetro e 1 m de altura; este monumento foi destruído em momento anterior aos trabalhos de relocalização no âmbito dos quais apareceu a estátua, mas ainda foi visto por dois de nós (DJC e ATS) nos finais dos anos 90 do século passado (Cruz 2001: 378). Muito provavelmente, a peça de que este texto dá conta foi exumada no decorrer dos trabalhos de arroteamento do terreno que destruíram o monumento 2, tendo depois sido arrastada junto com outros elementos pétreos para a periferia da mamoa 1; a estátua-menir localizar-se-ia, assim, nas proximidades destes dois

monumentos; uma terceira mamoa, igualmente destruída, localizar-se-ia a cerca de 100 m para oeste da mamoa 1; tratava-se de *tumulus* baixo e de pequenas dimensões (7,50 m de diâmetro; 0,40 m de altura, segundo Vera Leisner). Para és-sudeste deste grupo de monumentos, a cerca de 250 m do monumento 1, em área aplanada — cabeço pouco acentuado (979 m) —, localiza-se a cista da Labiada das Touças (Touro, Vila Nova de Paiva); é um *tumulus* baixo, com cerca de 5 m de diâmetro, contendo na sua parte central uma cista de planta retangular, medindo de eixo maior (E-O) 1,20 m e 0,80 m de eixo menor, e *tumulus* com 0,45 m de altura (Cruz 2001: 356-357, mapa 7, Fig. 39, 42); tratar-se-á de monumento datável de momento inicial, ou médio, da Idade do Bronze.

A Orca da Quinta dos Caetanos/ Quinta da Nave situa-se nas proximidades da povoação epónima, a nordeste do grupo tumular do Torrão, a cerca de 1000 m; é um dólmen, talvez de corredor, no rebordo de um tramo da Chã das Lameiras (Cruz 2001: 378, mapa 7, Fig. 47); para su-sudoeste, já no rebordo do vale da Quinta do Torrão — onde corre o afluente do rio Touro já referido — identificam-se outros *tumuli* (Jandeira 1 a 3), alguns dos quais muito desmantelados, ou mesmo destruídos (Cruz 2001: 357, mapa 7, Fig. 42).

Para além destas construções tumulares, refira-se o achado de diversos materiais de superfície não longe da implantação da estátua-menir 1, designadamente três fragmentos de cerâmica decorada com impressões que remetem para uma cronologia calcolítica (Cruz 2001: 57, 388, Fig. 56), e que, consequentemente, podem ser mais antigos que os exumados agora na escavação a que atrás fizemos referência (Araque Gonzalez *et al.* 2024). No sítio da Cova do Sol, situado a cerca de 1,8 km para leste da estátua-menir 1 também se identificou em prospeção um conjunto cerâmico, cuja decoração plástica de um fragmento sugere uma cronologia do Bronze Médio ou Final (Cruz 2001: 57, 173, 388, Fig. 57). A ocupação calcolítica ou da Idade do Bronze da serra da Nave está também atestada no recinto murado do Castelo de Ariz, localizado a cerca de 1,9 km para su-sudeste da estátua-menir 1 (Cruz 2001: 57, 390). O Penedo da Pena, localizado a 3,5 km para norte da estátua-menir 1, tendo em conta o amuralhado aí identificado, poderá corresponder a um outro sítio deste tipo,

embora não se tivesse aí recolhido qualquer material de superfície (Cruz 2001: 57-58, 390). Possivelmente contemporâneo destes sítios, será o Penedo do Cão, localizado nas proximidades do Castelo de Ariz, local que reúne um grande número de blocos graníticos de grandes dimensões (“caos de blocos”); na base de um desses monólitos recolheram-se à superfície algumas cerâmicas não decoradas e uma ponta de seta de base triangular.

4. METODOLOGIAS DE REGISTO DA PEÇA

Como referimos atrás, os primeiros trabalhos que desenvolvemos corresponderam ao decalque direto e registo fotográfico da peça, tendo estes decorrido no local do achado. Na mesma altura, procedeu-se, igualmente, ao desenho das secções do monumento.

O decalque foi feito maioritariamente durante o dia, tendo-se voltado ao sítio durante algumas horas da noite para o esclarecimento de dúvidas. A opção pelo levantamento diurno prendeu-se com a possibilidade de movimentação da peça, o que permitiu controlar a sua posição relativamente à exposição solar e, desta forma, garantir que sobre ela incidia a melhor iluminação possível.

O decalque propriamente dito foi efetuado sobre plástico de cristal de espessura adequada, colocado diretamente sobre cada uma das faces historiadas. Foram utilizadas canetas de feltro à prova de água de diferentes cores e espessuras. Assim, com canetas vermelhas de ponta M foram definidos os limites das faces historiadas; com canetas da mesma cor de ponta F foram registadas as fissuras, fraturas e lascamentos antigos da peça; com a mesma caneta foi delimitada a área mais erodida da peça, área essa cujo interior foi preenchido com um padrão de linhas diagonais; foram ainda delimitados com a mesma caneta os lascamentos originados durante a mobilização recente da estátua, tendo estes ficado devidamente sinalizados no plástico; finalmente, os traços de origem antrópica foram delimitados a negro.

Ainda no campo foram desenhadas as secções da peça à escala 1:10. A secção longitudinal corresponde a um corte paralelo ao eixo maior da peça, situado ao centro da mesma; a transversal corresponde a um corte localizado também ao centro da peça e orientado de

forma perpendicular relativamente à secção longitudinal. Ambas as secções foram assinaladas nos decalques de forma a permitir, em gabinete, a integração dos dois documentos num só desenho, desenho esse que aqui se publica.

A fotografia foi feita em suporte digital, exclusivamente em formato *raw*. Dada a mobilidade relativa da peça, as fotos foram efetuadas durante o dia, tendo-se rodado o bloco de forma a conseguir a melhor iluminação natural.

A segunda fase de trabalhos, decorrida mais recentemente, consistiu na captura de imagens para a elaboração do modelo fotogramétrico da peça. A fotogrametria é um método cada vez mais utilizado para o registo de imagens pré-históricas (e.g. Lesvignes *et al.* 2019; Rivero Vilá *et al.* 2019; Fritz – Willis – Tosello 2016). Face a outros métodos que têm vindo a ser utilizados com sucesso na documentação de estelas, tais como o RTI (e.g. Díaz-Guardamino *et al.* 2015), a fotogrametria lida muito melhor com a tridimensionalidade, razão pela qual optámos por esta forma de registo. Para tal, utilizámos uma máquina fotográfica DSLR com sensor *full frame*, um tipo de equipamento que se revelou bastante mais rigoroso que outros, como o *scanner* de luz estruturada (García-Bustos *et al.* 2024), mesmo se é necessária mais experiência para com ele se extrair melhores resultados que no caso de um *scanner* de luz estruturada (Freeman *et al.* 2021). As fotografias foram, assim, obtidas com uma Nikon D750 e um lente fixa de 35 mm. O modelo foi executado com o programa

Agisoft Metashape Professional, versão 2.1.2, tendo-se, para tal, utilizado 558 fotografias. Em seguida, no programa Meshlab 2023.12, o modelo foi renderizado com o *shader* “*Radiance Scaling*” (Vergne *et al.* 2012). Como entre as duas fases de trabalho a peça foi colocada num plinto pela autarquia, a base da mesma não foi levantada fotogrametricamente, razão pela qual a base do modelo fotogramétrico não coincide com a dos decalques.

5. DESCRIÇÃO DA PEÇA

A peça encontra-se reduzida à parte mesial; o suporte corresponde a um granito de grão fino a médio castanho-acinzentado do mesmo tipo dos afloramentos que se encontram nas imediações. Apresenta forma *grosso modo* paralelepípedica; o anverso, o reverso e a face lateral direita encontram-se historiados, observando-se em todas as faces um trabalho prévio de alisamento (Fig. 6). Refira-se, contudo, que a superfície do reverso se encontra muito erodida no seu setor inferior direito, algo que, como veremos, muito condiciona a nossa leitura da peça. Por outro lado, o monumento encontra-se na sua globalidade profundamente afetado por lascamentos, por vezes de grande dimensão, decorrentes da sua recente remoção com meios mecânicos em momentos que não podemos precisar. Dimensões: altura — 0,81 m; largura — entre 0,56 m e 0,73 m; espessura — 0,2 m.



FIG. 6 Vista das quatro faces da peça após renderização do modelo fotogramétrico com o *shader* “*Radiance scaling*” no Meshlab.

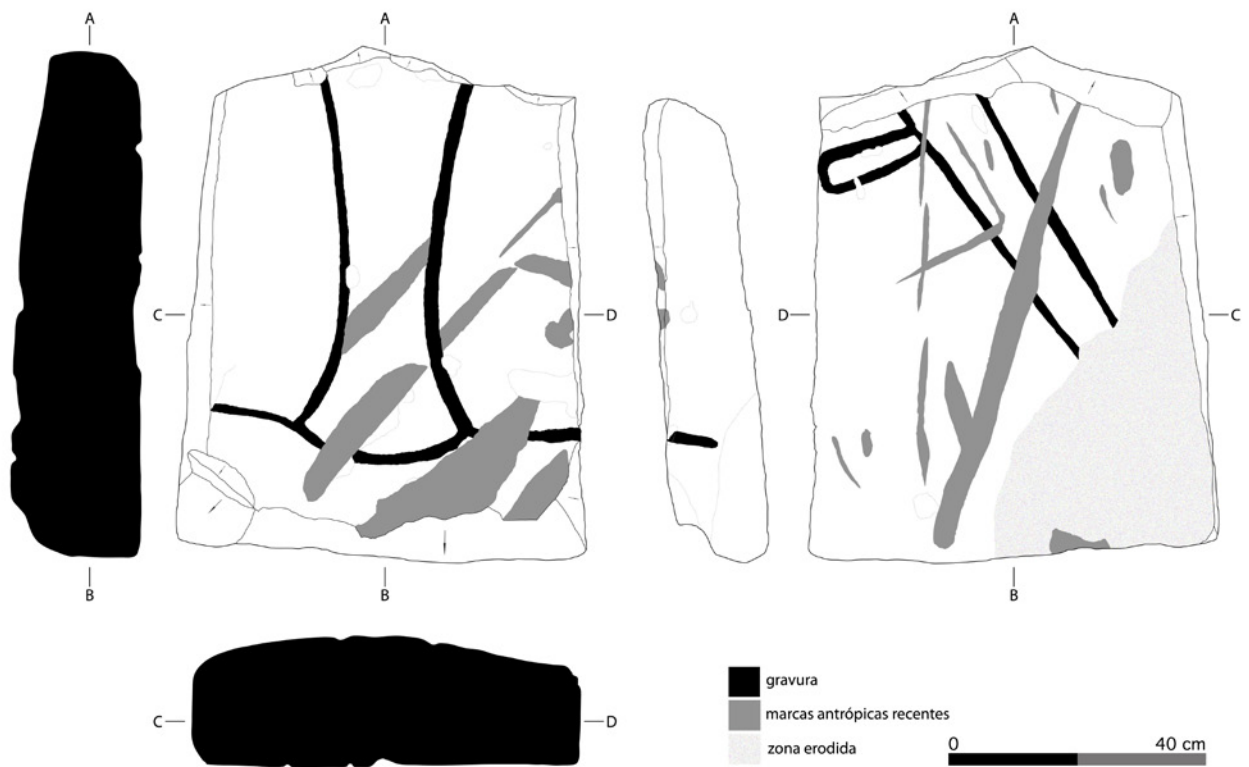


FIG. 7 Decalques das faces historiadas e seções da peça.



FIG. 8 Foto do averso da peça aquando dos trabalhos de decalque.



FIG. 9 Foto do verso da peça aquando dos trabalhos de decalque.

Na face principal do monumento (Figs. 6-8) observa-se a metade inferior de uma figura alongada, com os lados maiores côncavos e base convexa; trata-se indubitavelmente do que resta de um motivo vulgarmente nomeado na bibliografia como “estola”. De cada um dos vértices da base da figura arranca um sulco; estes desenvolvem-se de forma paralela à linha transversal da peça, rematando o da esquerda no bordo do anverso, enquanto o remanescente se prolonga até meio da face lateral direita da estátua.

A leitura do reverso (Figs. 6-7, 9) é mais complicada devido à já referida zona erodida deste lado do monumento. Destaca-se nesta face dois traços retos que se desenvolvem ao centro da peça numa posição inclinada a cerca de 45° do eixo longitudinal da mesma; estes traços, sendo *grosso modo* paralelos, parecem tender para a convergência, convergência essa que se poderia dar na zona atualmente muito erodida, como, aliás, parece observar-se no levantamento fotogramétrico da peça (Fig. 6). Mais segura é a relação do sulco da esquerda com figura subelíptica que a si se adossa e que com ele perfaz um ângulo quase reto, parecendo configurar um machado que evoca de sobremaneira, o machado plano, de cobre, encontrado na vizinha Orca de Seixas (Leisner 1998: taf. 3, 31).

Tecnicamente, para além da escultura (que está por trás do afeiçoamento do bloco), identificámos o uso da picotagem no repertório do reverso e dos sulcos da base da “estola” e a associação do baixo-relevo à gravura modelada (*sensu* Barrière 1993: 275) na conceção deste último motivo, situação que já se tinha verificado no caso do monumento 2 da Nave (Cruz – Santos 2011: 127).

6. ESTÁTUA-MENIR 3 DA NAVE NO SEU CONTEXTO REGIONAL E PENINSULAR

Embora fragmentada, a extremidade do motivo central do anverso permite aproximar esta peça da estátua-menir 1 da Nave. Trata-se de peças que se caracterizam pela centralidade da figura subtrapezoidal de lados côncavos, integrando-se assim num conjunto de outras que se distribuem por todo o Noroeste peninsular e que têm este mesmo motivo como elemento estruturante do corpo (e.g. Vilaça *et al.* 2001; 2003; Díaz-Guardamino 2010: 143-144).

Podendo em alguns casos confundir-se com o próprio corpo, como são os casos identificados nas estelas de Longroiva (Rodrigues 1966: 108-109; Almagro Basch 1966) ou da Preixana (Duran i Sanpere 1970; Maluquer de Motes 1971; Badias Mata 2013), na maior parte das vezes aparece como adereço sobre este. Umas vezes aparece no anverso, como é o caso da estátua 1 da Nave (Cruz – Santos 2011), das estelas acima referidas, da estátua-menir da Boulhosa (Vasconcellos 1910: 32) ou da estátua-menir da Cruz de Cepos (Alves – Reis 2011). A ausência de decoração na fase oposta à que se encontra o motivo da estátua de Tremedal de Tormes (López Plaza – Sevillano San José – Grande del Brío 1996) sugere que também aqui o motivo se encontra no anverso. Admitindo-se que este mesmo motivo pode estar presente, se bem que representado de forma menos canónica, nas estátuas-menires 2 da Nave e 1 de São Martinho (Vilaça – Santos – Marques 2004 e bibliografia anterior aí citada), também nestes casos, a representação no anverso está assegurada.

Como já tivermos oportunidade de defender com outros colegas (Vilaça *et al.* 2001: 76), pensamos que o motivo da peça de Faiões pode também ser interpretado como estando no anverso, ao contrário do defendido pelos autores que originalmente estudaram a peça (Almeida – Jorge 1979). Nos casos das de São João de Ver (Jorge – Jorge 1993: 306-307, Figs. 10 e 11) e Muiño de San Pedro (González García 2009), o motivo encontra-se atualmente no reverso, mas trata-se de peças ou bem tardias, ou reutilizadas, como aventado para o último caso, o que mais uma vez nos permite colocar a hipótese de que, na sua origem, o motivo também se encontraria no anverso. A hipótese da estátua-menir de São João de Ver ter sido gravada ao longo de uma longa diacronia e de o motivo sub-retangular se encontrar no que seria o anverso original da peça, foi aliás, já levantada por outros autores, com argumentos que consideramos convincentes (Baptista 1985; Alves – Reis 2011: 196, nota 15). Os outros casos onde este motivo é interpretado como se encontrando no reverso são igualmente dúbios. Referimo-nos às peças de Chaves (Jorge – Almeida: 1980), Bouça (Sanchez – Jorge 1987) e Tameirón (Comendador Rey – Rodríguez Muñiz – Manteiga Brea 2011). Se, em relação às duas últimas não cremos existir nada que objetivamente favoreça esta interpretação, no caso de Chaves, a identificação da face oposta

à que se encontra o motivo como anverso baseia-se na interpretação de duas covinhas e um motivo aí existentes como, respetivamente, olhos e falo do personagem (Jorge – Almeida 1980: 10).

A proeminência do motivo e o seu posicionamento central nestas peças advoga a favor da sua interpretação como insígnia de poder (Almeida – Jorge 1979: 18; Almagro Gorbea 1993: 126; Jorge – Jorge 1993: 41; López Plaza – Sevillano San José – Grande Del Brío 1996: 298; Vilaça *et al.* 2001: 76), sendo difícil de precisar o objeto concreto que representam, decantando-se alguns autores por uma “estola” (*e.g.* Jorge – Jorge 1993: 39) e outros por um *kardiophilax* (Almagro Gorbea 1993: 126). Mais recentemente, outros autores admitiram uma função protetora para estes objetos (Díaz-Guardamino 2010: 143) ou interpretaram-nos como representações de lingotes cipriotas em forma de pele de touro (Rodríguez-Corral 2015: 167). A semelhança formal entre o motivo sobre o qual nos debruçamos e as peças cipriotas já foi notada por nós e outros autores há quase um quarto de século (Vilaça *et al.* 2001: 78, nota 11). No entanto, como referimos na altura, este paralelo levanta problemas de âmbito cronológico e geográfico que, *contra* Rodríguez Corral (2015: 167-168), julgamos não estarem ainda debelados, como veremos em seguida. Por outro lado, será de lembrar que também existem peças mais antigas com morfologia semelhante, como alguns braçais de arqueiro com os lados maiores côncavos, nomeadamente o exemplar em ouro de Vila Nova de Cerveira — associado a espiral de três voltas, igualmente em ouro — com a simulação de quatro rebites e duas perfurações, provavelmente para suspensão (Armbruster – Parreira 1995; Hernando Gonzalo 1983; 1989), ou funcionando como peitoral, integrando colar.

No reverso da peça destaca-se a presença de outros dois motivos, cujo estado de conservação não permite, contudo, detalhar com o rigor desejável. Os dois traços maiores dispostos na diagonal parecem tender para se juntarem na extremidade inferior, numa zona infelizmente muito erodida da superfície. A ser assim, poderíamos estar perante uma espada, disposta da mesma maneira que em Ataúdes (Vilaça *et al.*, 2001; 2003), Chaves (Jorge – Almeida 1980) ou Valdefuentes (Santonja Gómez – Santonja Alonso 1978), embora neste último caso a espada se encontre no anverso e no segundo numa face lateral.

No caso de Valdefuentes não existe representação do motivo sub-retangular, mas as caneluras laterais da peça evocam os sulcos que se observam em Nave 1 e Ataúdes, pelo que o paralelo é mais que pertinente. Igualmente em Ataúdes e em Valdefuentes, como na estátua-menir 3 da Nave, a espada está associada a um segundo elemento. No caso de Valdefuentes, esse segundo elemento é claramente uma alabarda, conotada pelos autores que a estudaram com as de tipo Montejícar (Santonja Gómez – Santonja Alonso 1978: 22), tendo-se aventado a hipótese que o motivo de Ataúdes poderia também representar uma alabarda (Vilaça *et al.* 2001: 78-79). No caso da estátua-menir 3 da Nave, o objeto, embora desprovido de cabo, não é de tão clara identificação. O seu posicionamento relativo à putativa espada lembra o da alabarda em relação ao do objeto congénere de Valdefuentes, mas a convexidade do gume parece remeter mais para um machado, como referimos atrás. O objeto está até ao momento ausente na proto-estatuária do norte da Península, mas identifica-se em peças do tipo alentejano, como Assento, Santa Vitória ou Ervidel 1 (*e.g.* Gomes 1994: 120). Esta referência ao sul peninsular remete-nos para outro problema: o da cronologia da peça.

Muitos autores tendem a atribuir a maioria destas peças ao Bronze Final (*e.g.* Almeida – Jorge 1979; Jorge – Almeida 1980; Jorge – Jorge 1983; Jorge 1986: 954; Sanches – Jorge 1987; Rodríguez-Corral 2015; 2018), ainda que, por vezes, admitam quer uma origem anterior, quer um prolongamento da tradição até à Idade do Ferro, correspondendo a estela de Longroiva a um exemplo do Bronze Antigo e a estátua de São João de Ver a um da Idade do Ferro (*e.g.* Jorge – Jorge 1993). Por outro lado, nós próprios e outros autores temos atribuído as peças que temos estudado às fases antiga e média da Idade do Bronze (*e.g.* López Plaza – Sevillano San José – Grande Del Brío, 1996; Vilaça *et al.* 2001; 2003; Díaz-Guardamino 2010; 2011; Alves – Reis 2011; Cruz – Santos 2011). Outros autores admitem que é difícil precisar a fase da Idade do Bronze a que podem ser atribuídas estas peças (Comendador Rey – Rodríguez Muñoz – Manteiga Brea 2011), sendo que uma origem mais antiga, ainda no III milénio AC, é defendida por outros (*e.g.* Bueno Ramírez *et al.* 2019).

Já atrás referimos que as peças atribuídas à Idade do Ferro podem corresponder a peças com um dispositivo gráfico construído ao longo de um tempo longo.

Contudo, a cronologia do Bronze “tardio” ou final para estas peças foi recentemente defendida com argumentos mais incisivos. Alguns destes argumentos prendem-se com a cronologia dos referentes metálicos das figuras representadas nestas peças ou com a cronologia de alguns dos suportes onde também se encontram representadas. Entre estes contam-se 1) o facto da empunhadura da espada de Valdefuentes encontrar os seus paralelos mais imediatos nas das espadas 1 de Guadalajara e de Abía de la Obispalia; 2) a morfologia das espadas de Valdefuentes, Tremedal e Preixana poderem ser comparáveis aos estoques de tipo IIc ou IIId de Almagro, que aparecem igualmente em contextos do Bronze Final; 3) a estátua de Ataúdes, para além de empunhadura semelhante àquelas, apresentar conteira comparável à da estela de Mourços, atribuída a cronologia mais recente; 4) o facto destas espadas e algumas alabardas de tipo Montejúcar (como a que aparece em Valdefuentes) aparecerem associadas a machados de encabamento vertical nas estelas alentejanas (Rodríguez-Corral 2015: 155). Estes argumentos são reiterados e complementados por outros em trabalho posterior, entre os quais destacamos: 5) os paralelismos de alguns elementos da estátua-menir de Chaves com estelas alentejanas e de guerreiros; 6) os colares e cinturões presentes em algumas das estátuas encontrarem paralelos nas estelas de guerreiros e nas “*estelas-guijarro*” e que corresponderão a colares múltiplos do Bronze Final; 7) na assunção de que o dispositivo da estela de Longroiva não é sincrónico e que, inversamente, o das estelas de S. Martinho já o é (Rodríguez-Corral 2018).

Relativamente ao primeiro argumento, este autor valoriza o facto da empunhadura da espada 1 de Guadalajara (Almagro Gorbea 1972) não corresponder à original e o facto de empunhadura semelhante ter aparecido no tesouro de Abía de Obispalia (Almagro Gorbea 1974). Segundo Rodríguez Corral, este último achado confirmaria a produção deste tipo de empunhadura no Bronze Final, podendo a forma atual da espada de Guadalajara corresponder à sua reformatação durante este último período. Contudo, como ficou bem demonstrado pelo estudo de Almagro, espadas com aquela empunhadura e lâmina são representadas, designadamente nas estelas alentejanas — nomeadamente nas consideradas mais antigas, como Defesa ou Abela (Gomes 1994) —, o que

confirma a produção de ambos aqueles elementos no Bronze Médio. Por outro lado, as peças do tesouro de Abía de Obispalia são claros reaproveitamentos que estão junto com peças ainda em circulação, tal como foi, aliás, apontado na altura por Almagro (Almagro Gorbea 1974: 52). Assim, se é verdade que como Rodríguez Corral nos recorda, seguindo Olivier (1999), que não podemos datar determinados depósitos (tesouro ou oferenda funerária, por exemplo) com base no seu elemento mais antigo, não podemos igualmente fazer o contrário, isto é, rejuvenescer um desses elementos porque os restantes ao qual aparece associado nesta classe particular de depósitos são mais recentes, sobretudo quando os elementos que se querem fazer rejuvenescer aparecem sobre a forma de “*desechos*” (para utilizar o termo empregue por Almagro). Mesmo admitindo-se a possibilidade destas empunhaduras terem sido ainda utilizadas no Bronze Final, é uma certeza que o foram durante o Bronze Médio, pelo que o argumento não é sustentável para fazer rejuvenescer as estátuas-menires com representações do motivo sub-retangular.

O segundo argumento corresponde também a uma possibilidade, encontrando-se aqueles tipos de espada em contextos do Bronze Médio e Final, como o próprio autor admite (Rodríguez-Corral 2018: 47). Mais uma vez parece-nos mais parcimoniosa a ideia destes materiais serem representados quando são depositários de maior capital simbólico (quando são “*novidade*”) do que num momento durante o qual ainda circularão, mas de forma provavelmente marginal relativamente a tipos mais recentes.

Relativamente ao terceiro argumento, a semelhança entre a conteira de Ataúdes e a da estela de Mourços é evidente, tendo sido destacada, desde logo, na publicação original daquela estátua-menir (Vilaça *et al.* 2001: 79). A peça é, de facto, integrada por Mário Varela Gomes no seu subtipo C das estelas alentejanas, caracterizadas pelo protagonismo da espada e pela ausência do ancoriforme e ao qual o autor atribui uma possível cronologia entre 1300 e 1200/1100 AC (Gomes 1994: 121, 125, 131). Mas esta atribuição não está demonstrada arqueologicamente. De facto, baseia-se apenas na suposição de que a dada altura as espadas substituem os ancoriformes nestas peças, o que segundo M. Varela Gomes seria indicado pela mesma posição relativa da alabarda frente a cada

um daqueles dois temas (Gomes 1994: 125). Julgamos, portanto, que este argumento não é igualmente seguro para ser utilizado como referente cronológico e muito menos o facto de a estela ter aparecido em contexto arqueológico (Rodríguez-Corral 2018: 40). De facto, como M. Varela Gomes aponta, a peça aparece reutilizada num *tumulus* da I Idade do Ferro (Gomes 1994: 116), evidentemente alheio ao contexto original da peça.

Relativamente ao quarto argumento, recordamos o que dissemos acima. O facto de nas estelas alentejanas, a representação de espadas do tipo das que aparecem nas estátuas-menires a par de machados de encabamento vertical denunciar a circulação destes produtos em épocas mais tardias, não nos pode fazer esquecer a sua produção em tempos anteriores.

Relativamente à estátua de Chaves, o autor compara a espada ou punhal figurada na sua face 4 com representações semelhantes existentes em estelas de guerreiro (como a de Tres Arroyos) e alentejanas (como a de Gomes Aires). Estes paralelos indiciariam, portanto, a circulação deste tipo de armas durante as fases média e final da Idade do Bronze. Mas há ainda que ter em conta outro aspeto. Como o próprio autor reconhece, é provável que esta representação da estátua-menir de Chaves, a par das da face 1, tenham sido gravadas numa fase posterior ao elemento sub-retangular da face 3 e à espada embainhada da face 2 (Jorge – Almeida 1980: 9-11; Rodríguez-Corral 2018: 44). Que estas duas fases tenham sido muito ou pouco afastadas no tempo, como pretende este autor, é impossível saber.

O sexto argumento que destacámos refere-se aos paralelos entre os colares e cinturões presentes em algumas das estátuas-menires da região, como Nave 2 ou Alto da Escrita (Carvalho – Gomes – Francisco 1999) e os representados nas estelas de guerreiro e nos “*ídolos-guijarro*”. Se é verdade que em algumas estelas guerreiro aparecem cinturões, tal não ocorre com os colares. E mesmo a maior parte dos cinturões que aparecem em peças deste tipo ocorre em suportes que, a avaliar pelas diferenças técnicas ao nível da execução do seu dispositivo gráfico, foram reutilizados ao longo do tempo. A estátua-menir 1 de S. Martinho, será o caso mais evidente (Vilaça – Santos – Marques 2004 e bibliografia anterior aí citada; Bueno Ramírez *et al.* 2019). Portanto, os paralelos para representações de colares

e cinturões em simultâneo encontram-se apenas nos referidos “*ídolo-guijarros*”. Rodríguez Corral, interpretando os colares como gargantilhas do Bronze Final, e valorizando a proximidade verificada entre achados deste tipo de peças e de estelas de guerreiros como é o caso do conjunto de Hernán Pérez, atribui uma cronologia de finais da Idade do Bronze para estas peças, em claro contraste com as cronologias mais antigas que a maior parte dos autores lhes atribui (*e.g.* Jorge – Jorge 1993; Bueno Ramírez 1995; Bueno Ramírez – Balbín Behrmann 1997; Jorge 1999a; Bueno Ramírez – Balbín Behrmann – Barroso Bermejo 2005; Díaz-Guardamino 2010; 2011; Bueno Ramírez *et al.* 2019). Para esta atribuição mais antiga, contribui essencialmente o contexto do importante conjunto do Cabeço da Mina (Sousa 1996; Jorge 1999b) e a proximidade espacial entre o local de achado destas peças e *tumuli* aos quais são atribuídas cronologias mais antigas que os finais da Idade do Bronze. Se este argumento não será decisivo, sê-lo-á, pelo menos tanto, como o que valoriza a proximidade entre estas peças e estelas “de guerreiro”.

O último argumento utilizado pelo autor é o mais discutível de todos. De facto, partindo do princípio de que na estela de Longroiva foram detetadas duas técnicas de gravação — o baixo-relevo no motivo sub-retangular e a gravura mais fina na lâmina da alabarda, no punhal e no arco (Díaz-Guardamino 2010: 136) — o autor admite uma larga diacronia para a gravação da peça, atribuindo a alabarda e o punhal ao Bronze Antigo e Médio e o motivo sub-retangular e o arco ao Bronze Final. Contudo, não só o arco, a lâmina da alabarda e o punhal apresentam sulcos semelhantes (Díaz-Guardamino 2010: 136), como o motivo sub-retangular foi seguramente o primeiro motivo a ser realizado. Na verdade, como é patente no sítio e bem ilustrado em foto recentemente publicada por Mário Reis e Lara Alves, o cabo da alabarda adossa-se ao motivo sub-retangular (Reis – Alves 2023: 123).

Tendo em conta a cronologia das armas representadas na estela de Longroiva, a cronologia das espadas de tipo IIc e IIId de Almagro, a forte probabilidade das representações de peças mais tardias em algumas estátuas-menires com o motivo sub-retangular corresponderem a reutilizações (São João de Ver, Muiño de San Pedro e, eventualmente, Chaves), julgamos continuar a ser mais parcimoniosa a atribuição destas peças a momentos iniciais e médios da Idade do Bronze.

Esta atribuição não é, de todo, incompatível com o contexto arqueológico imediato destas peças. De facto, se é verdade que a maior parte dos vestígios arqueológicos imediatos correspondem a dólmenes simples e de corredor e, portanto, com cronologias mais recuadas, também é certo que alguns deles terão sido reutilizados na Idade do Bronze, estando este fenómeno eventualmente testemunhado, pelo menos, no caso da Orca de Seixas, por recipiente troncocónico aí exumado (Leisner 1998: taf. 3, 28). *Tumuli* como Bebedouro 2 (não longe da estátua-menir 1), os monumentos 2 e 3 de Torrão e a cista de Labiada das Touças (estes cerca da estátua-menir 3) poderão, por outro lado, datar deste período. Já a estátua-menir 2, não estará tão diretamente associada a monumentos sob *tumuli*, pelo menos de cronologia mais tardia. Pelas informações recolhidas, o monumento do qual se encontraria mais perto seria o da Quinta dos Caetanos, um monumento megalítico. Como não foi escavado, não sabemos se terá sido reutilizado após a sua utilização primeva, durante o Neolítico Médio.

Independentemente da relação entre a atividade nos monumentos tumulares e a gravação das peças, a distribuição de ambos os tipos de vestígios evidencia a apropriação dos monumentos mais antigos pelas sociedades que gravaram as estátuas, uma apropriação simbólica do passado por intermédio dos espaços onde se encontram ou das personagens que representam, possíveis representações de ancestrais ou fundadores de linhagens, formas de legitimação de uma dada ordem social já hierárquica, fruto da generalização da metalurgia, como tem sido sugerido por outros autores (e.g. Bueno Ramírez – Balbín Behrmann – Barroso Bermejo 2005; 2008; Díaz-Guardamino 2010; 2011). A este respeito, lembre-se as datações recentemente publicadas para a estátua-menir de Cepos, que denunciam a ereção do monólito ainda em meados do III milénio, pelo menos 500 anos antes da gravação da arma aí representada (Bailiff *et al.* 2024). Evidência desta reapropriação de peças mais antigas por parte das comunidades do Bronze Médio poderá ser também o menir de Corgas, localizado não longe da nossa zona de estudo e decorado com espada, correias e motivo biancoriforme (Banha – Veiga – Ferro 2009).

Mas as estátuas da Nave encontram-se igualmente em importantes zonas de pastoreio, datando

genericamente de um momento em que as análises paleoambientais demonstram uma intensificação da atividade antrópica e particularmente da pastorícia nas imediações (*vide supra*). Independentemente destas estátuas expressarem o controlo direto deste recurso por parte de uma elite (Vilaça *et al.* 2001; 2003) ou de apenas expressarem o seu poder por meio da sua ereção em zona muito frequentada precisamente pelas suas potencialidades para o pastoreio (Cruz – Santos 2011), não podemos deixar de relacionar estas estátuas com este importante recurso, como aliás seria o caso dos monumentos mais antigos.

Bibliografia

- ALMAGRO BASCH, M. (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste peninsular*. Madrid (Biblioteca Praehistorica Hispana, 8).
- ALMAGRO GORBEA, M. (1972) – La espada de Guadajara y sus paralelos peninsulares. *Trabajos de Prehistoria*, 29: 55-82.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1974) – Orfebrería del Bronce Final en la Península Ibérica. El tesoro de Abía de la Obispalía, la orfebrería tipo Villena y los cuencos de Axtroki. *Trabajos de Prehistoria*, 31: 39-100.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1993) – Les stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique. Em BRIARD, J. – DUVAL, A. (eds.) – *Les représentations humaines du néolithique à l'âge du fer*, Paris (Actes du 115e Congrès National des Sociétés Savantes, Avignon (1990)): 123-139
- ALMEIDA, C. A. F. de – JORGE, V. O. (1979) – *A Estátua-menir de Faiões (Chaves)*. Porto (Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 2).
- ALVES, L. B. – REIS, M. (2011) – Memoriais de pedra, símbolos de identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real). Em VILAÇA, R. (ed.) – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 187-216
- ARAQUE GONZALEZ, R. – BAPTISTA, P.; DRIGODA, S. – PEREIRA, A. – PUGA, Y. – RAMMELKAMMER, V. – VILAÇA, R. (2024) – The Statue-Menhir of Nave 1 (Moimenta da Beira, Viseu, Central Portugal): preliminary results from the 2023 archaeological campaign. *Conimbriga*, 63: 5-46. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8657_63_1.
- ARMBRUSTER, B. – PARREIRA, R. (1995) – Vila Nova de Cerveira. Braçal de arqueiro”, Em *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa: 24.
- BADIAS MATA, J. (2013) – L'estela de Preixana 50 anys després de la seva descoberta. *Urtx: revista cultural de l'Urgell*, 27: 115-129. URL: <https://raco.cat/index.php/Urtx/article/view/270134>.
- BAILIFF, I. K. – ANDRIEUX, E. – DÍAZ-GUARDAMINO, M. – ALVES, L. B. – COMENDADOR REY, B. – GARCÍA SANJUÁN, L. – MARTÍN SEIJO, M. (2024) – Dating the setting of a late prehistoric statue-menhir at Cruz de Cepos, NE Portugal. *Quaternary Geochronology*, 83: 101569. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.quageo.2024.101569>.
- BANHA, C. – VEIGA, A. M. – FERRO, S. (2009) – A estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão). Contributo para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior”, *Açafa on-line*, 2: 2-16.

- BAPTISTA, A. M. (1985) – A estátua-menir feminina da Ermida (Ponte da Barca). *Arqueologia*, 5: 67-69.
- BARRIÈRE, C. (1993) – La sculpture et le modelage. Em GRAPP (ed.) – *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'étude*. Paris (Documents préhistoriques, 5): 275-280.
- BRONK RAMSEY, C. (2009) – Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51 (1): 337-360. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0033822200033865>.
- BRONK RAMSEY, C. (2021) – *OxCal v.4.4.4* (software).
- BUENO RAMÍREZ, P. (1995) – Megalitismo, estatuas y estelas en España. *Notizie Archeologiche Bergomensi*, 3: 77-129.
- BUENO RAMÍREZ, P. – BALBÍN BEHRMANN, R. (1997) – Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Granja de Toniñuelo (Badajoz). Em *III Coloquio Internacional de Arte Megalítico*. A Coruña (Brigantium, 10): 91-121.
- BUENO RAMÍREZ, P. – BALBÍN BEHRMANN, R. – BARROSO BERMEJO, R. (2005) – Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 109 (4): 577-640.
- BUENO RAMÍREZ, P. – BALBÍN BEHRMANN, R. – BARROSO BERMEJO, R. (2008) – Dioses y antepasados que salen de las piedras. *PH*, 67: 46-61.
- BUENO RAMÍREZ, P. – BARROSO BERMEJO, R. – BALBÍN BEHRMANN, R. – SALVADO, P. (2019) – Stone witnesses: armed stelae between the International Tagus and the Douro, Iberian Peninsula. *SPAL: Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*, 28 (2): 143-164.
- CARVALHO, P. M. S. de – GOMES, L. F. C. – FRANCISCO, J. P. A. (1999) – A estátua-menir do Alto da Escrita (Tabuaço, Viseu). *Estudos Pré-históricos*, 7: 251-256.
- COMENDADOR REY, B. – RODRÍGUEZ MUÑIZ, V. – MANTEIGA BREA, A. (2011) – A estatua menhir do Tameirón no contexto dos resultados do projecto de intervenção arqueológica no Monte Urdiñeira e o seu contorno (A Gudiña- Riós, Ourense). Em VILAÇA, R. (ed.) – *Estelas e estatuas-menires da Pré à Proto-história*, Sabugal: 217-244.
- COSTA, J. C. – AGUIAR, C. – CAPELO, J. H. – LOUSÃ, M. – NETO, C. (1998) – Biogeografia de Portugal. *Quercetea*, 0: 5-56. URL: <http://hdl.handle.net/10198/714>.
- CRUZ, D. J. da (1995) – Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-históricos*, 3: 81-119.
- CRUZ, D. J. da (1998) – Expressões funerárias e cultuais no Norte da Beira Alta (V – II milénios a. C.). Em *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior"*. Viseu: 149-166.
- CRUZ, D. J. da (2001) – *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história recente*. Coimbra (Tese de Doutoramento, policopiada). URL: <https://hdl.handle.net/10316/791>.
- CRUZ, D. J. da – FERNANDES, D. – ARMADA, X.-L. – VILAÇA, R. (2018) – Considerações sobre a Pré e a Proto-história da serra do Montemuro e seu aro (centro-norte de Portugal): artefactos metálicos e seu contexto. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 44: 59 – 80. DOI: <https://doi.org/10.15366/cupauam2018.44.003>.
- CRUZ, D. J. da – GOMES, L. F. C. – CARVALHO, P. M. S. de (1998a) – Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. Em *Actas do Colóquio «A Pré-história na Beira Interior»* (Tondela, Nov. 1997). Viseu: 375-395.
- CRUZ, D. J. da – GOMES, L. F. C. – CARVALHO, P. M. S. de (1998b) – O grupo de tumuli da “Casinha Derribada” (concelho de Viseu). *Conimbriga*, 37: 5-76.
- CRUZ, D. J. da – SANTOS, A. T. (2011) – As estatuas-menires da serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) no contexto da ocupação pré-histórica do Alto Paiva e da Beira Alta. Em VILAÇA, R. (ed.) – *Estelas e estatuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 117-142.
- CRUZ, D. J. da – VILAÇA, R. (1999) – O grupo de tumuli da “Senhora da Ouvida” (Monteiras / Moura Morta, Castro Daire, Viseu) Resultados dos trabalhos arqueológicos. *Estudos Pré-históricos*, 7: 129-161.
- DÍAZ-GUARDAMINO, M. (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*. Madrid (Tese de doutoramento, policopiada). URL: <https://hdl.handle.net/20.500.14352/47389>.
- DÍAZ-GUARDAMINO, M. (2011) – Iconografía, lugares y relaciones sociales: Reflexiones en torno a las estelas y estatuas-menhir atribuidas a la Edad del Bronce en la Península Ibérica. Em VILAÇA, R. (ed.) – *Estelas e estatuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 63-88.
- DÍAZ-GUARDAMINO, M. – GARCÍA SANJUÁN, L. – WHEATLEY, D. – RODRÍGUEZ ZAMORA, V. (2015) – RTI and the study of engraved rock art: A re-examination of the Iberian south-western stelae of Setefilla and Almadén de la Plata 2 (Seville, Spain). *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*, 2 (2-3): 41-54. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.daach.2015.07.002>.
- DURAN I SANPERE, A. (1970) – L'estela del Museu de Cervera. *Segarra*, 631: 5-6.
- FERREIRA, A. de B. (1978) – *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*. Estudo de Geomorfologia, Lisboa (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4).
- FERREIRA, N. – SOUSA, M. B. de (1994) – *Notícia explicativa da folha 14-B. Moimenta da Beira*. Lisboa.
- FREEMAN GEBLER, O. – GOUDSWAARD, M. – HICKS, B. – JONES, D. – NASSEHI, A. – SNIDER, C. – YON, J. (2021) – A comparison of structured light scanning and photogrammetry for the digitisation of physical prototypes. *Proceedings of the Design Society*, 1: 11–20. DOI: <https://doi.org/10.1017/pds.2021.2>.
- FRITZ, C. – WILLIS, M. D. – TOSELLO, G. (2016) – Reconstructing Paleolithic cave art: The example of Marsoulas Cave (France). *Journal of Archaeological Science: Reports*, 10: 910-916. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2016.05.012>.
- GARCÍA-BUSTOS, M. – EGUILLEOR-CARMONA, X. – RIVERO, O. – MATEO-PELLITERO, A. M. (2024) – 3D Recording of Palaeolithic Rock Art through Different Techniques: a Critical Comparison and Evaluation. *Journal of Field Archaeology*, 4: 508–526. DOI: <http://doi.org/10.1080/00934690.2024.2392972>.
- GOMES, M. V. (1994) – *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do bronze no concelho de Silves*. Silves (Xelb, 2).
- GONZÁLEZ GARCÍA, F. J. (2009) – Repensando el pasado: cambio social e iconografía guerrera en la Edad del hierro del Noroeste de la Península Ibérica. *Revista Aquae Flaviae*, 41: 123-152.
- HERNANDO GONZALO, A. (1983) – La orfebrería durante el Calcolítico y el Bronce Antiguo en la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*, 40: 85-138.
- HERNANDO GONZALO, A. (1989) – Inicios de la orfebrería en la Península Ibérica. Em *El Oro en la España Preromana*. Madrid: 32-45.

- JORGE, S. O. (1986) – *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): Bases para o Conhecimento do III.º e Princípios do II.º Milénios a. C. no Norte de Portugal*. Porto (Tese de doutoramento, policopiada). URL: <https://hdl.handle.net/10216/10842>.
- JORGE, S. O. (1999a) – *Domesticar a Terra*. Lisboa (Trajectos, 45).
- JORGE, S. O. (1999b) – Stèles et statues-menhirs de l'Âge du Bronze en Peninsule Ibérique: discours de pouvoir. Em *L'Europe au Temps d'Ulisses. Dieux et Héros de l'Âge du Bronze*. Paris: 114-122.
- JORGE, V. O. – ALMEIDA, C. A. F. de (1980) – *A estátua-menir fálca de Chaves*, Porto (Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 6).
- JORGE, V. O. – JORGE, S. O. (1983) – Nótula preliminar sobre uma nova estátua-menir do Norte de Portugal. *Arqueologia*, 7: 44-47.
- JORGE, V. O. – JORGE, S. O. (1993) – Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal. Em BRIARD, J. – DUVAL, A. (eds.) – *Les représentations humaines du néolithique à l'âge du fer*, Paris (Actes du 115e Congrès National des Sociétés Savantes, Avignon (1990)): 29-43.
- KALB, P. (1981) – Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber. *Madrider Mitteilungen*, 22: 55-77. DOI: <https://doi.org/10.34780/3d1e-32n8>.
- LEISNER, G. – LEISNER, V. (1956) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. 1. Lieferung*, Berlin (Madrider Forschungen, Band 1, 1). DOI: <https://doi.org/10.34780/r692-ce9g>.
- LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. 4. Lieferung*, Berlin (Madrider Forschungen, band 1,4). DOI: <https://doi.org/10.34780/af4w-wr84>.
- LESVIGNES, E. – ROBERT, E. – VALENTIN, B. – BALLINGER, M. – BÉNARD, A. – BELLANGER, F. – BOUET, B. – BOUGNÈRES, F. – CANTIN, A. – COSTA, L. – DARDIGNAC, C. – DAVID, S. – DUBREUCQ, P. – GUÉRET, C. – GUY, E. – DE MIRANDA, I. – ROMERO-GODOFREDO, V. – SAGORY, T. – THIRY, M. – TOUCHARD, B. – TOUQUET, R. – VALOIS, L. – ZOTKINA, L. (2019) – Using digital techniques to document prehistoric rock art: first approaches on the engraved panels of the Paris Basin shelters. *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*, 15: e00122. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.daach.2019.e00122>.
- LÓPEZ PLAZA, S. – SEVILLANO SAN JOSÉ, M. C. – GRANDE DEL BRÍO, R. (1996) – Estatua-menhir de Trededal de Tormes (Salamanca). *Zephyrus*, 49: 295-303. URL: <https://revistas.usal.es/uno/index.php/0514-7336/article/view/5153>.
- LÓPEZ SÁEZ, J. A. – FIGUEIRAL, I. – CRUZ, D. J. da (2017) – Palaeoenvironment and vegetation dynamics in Serra da Nave (Alto Paiva, Beira Alta, Portugal) during the Late Pleistocene and the Holocene. In *Actas da mesa-Redonda "A Pré-história e a Proto-História no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro*, Viseu (Estudos Pré-históricos, 17). URL: https://estudospre-historicos.weebly.com/uploads/9/7/6/5/97656080/ep17_-_e1.pdf.
- LOUREIRO, S. – MARQUES, J. N. – VALINHO, A. (2006) – O Alto Paiva: a ocupação humana no I.º milénio a. C. *Conimbriga*, 45: 105-123. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8657_45_7.
- MALUQUER de MOTES, J. (1971) – La estela de la Edad del Bronce de Preixana (Lerida). Em *Homenaje a Don José Esteban Uranga*, Pamplona: 475-481.
- MEDEIROS, C. A. (1985) – Alvite (Planalto da Nave) — Originalidade duma aldeia de montanha. *Biblos*, 61: 1-18.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, München (Prähistorische Bronzefunde IX, band 6).
- OLIVIER, L. (1999) – The Hochdorf "princely" grave and the question of the nature of archaeological funerary assemblages. Em MURRAY, T. (ed.) – *Time and Archaeology*. London: 109-138.
- REIMER, P. – AUSTIN, W. E. N. – BARD, E. – BAYLISS, A. – BLACKWELL, P. G. – BRONK RAMSEY, C. – BUTZIN, M. – CHENG, H. – EDWARDS, R. L. – FRIEDRICH, M. – GROOTES, P. M. – GUILDERTSON, T. P. – HAJDAS, I. – HEATON, T. J. – HOGG, A. G. – HUGHEN, K. A. – KROMER, B. – MANNING, S. W. – MUSCHELER, R. – PALMER, J. G. – PEARSON, C. – VAN DER PLICHT, J. – REIMER, R. W. – RICHARDS, D. A. – SCOTT, E. M. – SOUTHON, J. R. – TURNER, C. S. M. – WACKER, L. – ADOLPHI, F. – BÜNTGEN, U. – CAPANO, M. – FAHRNI, S. M. – FOGTMANN-SCHULZ, A. – FRIEDRICH, R. – KÖHLER, P. – KUDSK, S. – MIYAKE, F. – OLSEN, J. – REINIG, F. – SAKAMOTO, M. – SOOKDEO, A. – TALAMO, S. (2020). The IntCal20 Northern Hemisphere Radiocarbon Age Calibration Curve (0–55 cal kBP). *Radiocarbon*, 62 (4): 725-757. DOI: <https://doi.org/10.1017/RDC.2020.41>.
- REIS, M. – ALVES, L. (2023) – Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa. Em CORREIA, D. – SANTOS, A. T. (eds.). *Por este rio acima. Estudos em homenagem de António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: 117-180.
- RIBEIRO, O. (1951) – Montanhas pastoris de Portugal. Em *Comptes-rendus du Congrès International de Géographie*, 3, Lisboa: 59-69.
- RIBEIRO, O. – LAUTENSACH, H. – DAVEAU, S. (1988) – *Geografia de Portugal. Vol. II — O ritmo climático e a paisagem*, Lisboa.
- RIVERO VILÁ, O. – RUIZ LÓPEZ, J. F. – INTXAURBE, I. – SALAZAR CAÑARTE, S. – GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2019) – On the limits of 3D capture. A new method to approach the photogrammetric recording of palaeolithic thin incised engravings in Atxurra Cave (northern Spain). *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*, 14: e00106. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.daach.2019.e00106>.
- RODRIGUES, A. V. (1966) – Bronze (Idade do). Em *Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Lisboa: Verbo.
- RODRÍGUEZ-CORRAL, J. (2015) – Las estatuas-menhir noroccidentales en contexto: conectividad y conexiones materiales durante el Bronce Tardío/Final. *Complutum*, 26 (1): 153-172. DOI: https://doi.org/10.5209/REV_CMPL.2015.V26.N1.49345.
- RODRÍGUEZ-CORRAL, J. (2018) – Las estatuas-menhir noroccidentales: cronologías y conexiones materiales. *Complutum*, 29 (1): 37-57. DOI: <http://doi.org/10.5209/CMPL.62394>.
- SANCHES, M. de J. – JORGE, V. O. (1987) – A estátua-menir da Bouça (Mirandela). *Arqueologia*, 16: 78-82.
- SANTONJA GÓMEZ, M. – SANTONJA ALONSO, M. (1978) – La estatua-menir de Valdefuentes de Sangusín (Salamanca). *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 10: 19-24.
- SCHERMERHORN, L. J. G. (1956) – *Igneous, metamorphic and ore geology of the Castro Daire - S. Pedro do Sul - Sátão region (Northern Portugal)*. Lisboa (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, XXXVII).

- SCHERMERHORN, L. J. G. (1980) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia explicativa da folha 14-C*. Castro Daire. Lisboa.
- SOUSA, O. (1996) – *Estatuária antropomorfa pré e proto-histórica do Norte de Portugal*, Porto (Dissertação de mestrado, policopiada).
- VASCONCELLOS, J. L. de (1910) – Esculturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português. *O Archeologo Português*, 15: 31-39.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1919-1920) – Coisas Velhas. *O Archeologo Português*, 24: 215-237.
- VERGNE, R. – PACANOWSKI, R. – BARLA, P. – GRANIER, X. – REUTER, P. (2012) – Enhancing surface features with the Radiance Scaling Meshlab Plugin. In *Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology (CAA) 2012*, 2. Southampton: 417–421. URL: <https://inria.hal.science/hal-00877158>.
- VILAÇA, R. – CRUZ, D. J. da – SANTOS, A. T. – MARQUES, J. N. (2001) – A estátua-menir de “Ataúdes” (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional. *Estudos Pré-históricos*, 9: 69-82.
- VILAÇA, R. – CRUZ, D. J. da – SANTOS, A. T. – MARQUES, J. N. (2003) – A statue menhir from Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Portugal): a first notice. Em *Livro de Actas. I Congresso Internacional de Arqueologia iconográfica e simbólica*, Conimbriga: 104-119.
- VILAÇA, R. – SANTOS, A. T. – MARQUES, J. N. (2004) – 76 Estátua-menir. Em FERREIRA, A. M. (ed.) – *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco: 159-161.
- WALKER, M. – HEAD, M. H. – BERKELHAMMER, M. – BJÖRCK, S. – CHENG, H. – CWYNAR, L. C. – FISHER, D.; GKINIS, V. – LONG, A. J. – LOWE, J. J. – NEWNHAM, R. M. – RASMUSSEN, S. O. – WEISS, H. (2018) – Formal ratification of the subdivision of the Holocene Series/Epoch (Quaternary System/Period): two new Global Boundary Stratotype Sections and Points (GSSPs) and three new stages/subseries. *International Union of Geological Sciences*, 41 (4): 213–223. DOI: 10.18814/epiiugs/2018/018016.

POLÍTICA EDITORIAL

Objectivos

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017), a Revista Ophiussa converteu-se numa edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X). Em 2025, a revista deixou de ser publicada em formato impresso, passando a disponibilizar-se exclusivamente em versão digital, em acesso aberto, em <https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

Periodicidade

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro semestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

Secções da revista

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e resenhas bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as resenhas bibliográficas.

Os autores / editores que pretendam apresentar uma obra para resenha devem enviar dois exemplares para a direcção da Revista Ophiussa: um para o autor/autora da resenha que será convidado para o efeito e outro para a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aceita-se igualmente a apresentação de propostas de resenhas espontâneas.

Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Processo de avaliação por pares

Os artigos submetidos são sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (double blind peer review).

Todas as submissões (artigos e resenhas) serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os artigos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / double blind peer review (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção

dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica.

O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

A lista dos avaliadores será publicada em ciclos de 3 anos, indicada no final da Revista Ophiussa (versão impressa e digital).

Ética na publicação

A Revista Ophiussa segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

Apenas serão publicados artigos originais. Para efeito de detecção de plágio ou duplicidade será utilizada a plataforma URKUNDU (<https://www.orkund.com/pt-br/>). Serão rejeitadas práticas como a deformação ou invenção de dados. Os autores têm a responsabilidade de garantir que os trabalhos são originais e inéditos, fruto do consenso de todos os autores e cumprem com a legalidade vigente, dispondo de todas autorizações necessárias. Os artigos que não cumpram com estas normas éticas serão rejeitados.

As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas.

Serão considerados os seguintes princípios éticos:

1) RESPONSABILIDADE

A Revista Ophiussa através dos editores e autores tem a responsabilidade absoluta de aprovação, condenando todas as más práticas da publicação científica.

2) FRAUDE CIENTÍFICA:

A Revista Ophiussa procurará detectar manipulação e falsificação de dados, plágio ou duplicidade, com os mecanismos de detecção adequados.

3) POLÍTICA EDITORIAL E PROCEDIMENTOS

a) Os autores devem ter participado no processo de investigação e do processo de revisão, devendo garantir que os dados incluídos são reais e autênticos e estando obrigados a emitir retracções e correcções de erros de artigos publicados;

b) Os revisores devem efectuar uma revisão objectiva e confidencial e não ter conflitos de interesse (investigação, autores ou financiadores), devendo indicar obras publicadas relevantes que não foram citadas;

c) Na detecção de fraude ou má prática em fase de avaliação deve ser indicada pelos revisores e na fase de pós publicação por qualquer leitor.

d) Em caso de detecção de más práticas em fase de avaliação ou de detecção de artigos publicados previamente, o Conselho Editorial remeterá a ocorrência ao autor estabelecendo um prazo de 7 dias para esclarecimento, sendo posteriormente avaliada pelo Conselho de Redacção. Em fase de pós publicação, o Conselho Editorial poderá arquivar ou determinar a retratação num número seguinte, indicando-se os trâmites prévios.

Política de preservação de arquivos digitais

A revista garante a acessibilidade permanente dos objectos digitais através de cópias de segurança, utilização de DOI, integrando a rede Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), que gera um sistema de arquivo descentralizado.

Relativamente ao auto-arquivo, a revista integra também o Sherpa/Romeu

(<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Política de acesso aberto

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento. A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).

A publicação de textos na Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Para mais informações contactar:

ophiussa@letras.ulisboa.pt

EDITORIAL POLICY

Objectives

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. After Volume 1 (2017) it became a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X). In 2025, the journal ceased to be published in print format and became available exclusively in digital, open-access form at <https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Periodicity

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

Journal sections

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

Authors / editors wishing to submit a book for review should send two copies to the direction of Revista Ophiussa: one to the author of the review who will be invited for the purpose and another to the Library of the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. Spontaneous proposals are also accepted.

Papers written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

Peer review process

Submitted articles are subject to a double blind peer-review evaluation process.

All submissions (articles and reviews) will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal editing standards. Articles that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by UNIARQ direction and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case, up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The list of reviewers will be published in 3-year cycles, indicated at the end of *Ophiussa* (printed and digital version).

Publication ethics

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

Only original papers will be published. For the purpose of detecting plagiarism or duplicity, the URKUNDU platform (<https://www.orkund.com/pt-br/>) will be used. Practices such as the deformation or invention of data will be rejected. Authors are responsible for ensuring that the works are original and unpublished, the result of the consensus of all authors, and comply with current legality, having all necessary authorizations. Articles that do not comply with these ethical standards will be rejected.

Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published.

The following ethical principles will be considered:

1) RESPONSIBILITY:

Ophiussa through its editors and authors has the absolute responsibility for approval, condemning all bad practices of scientific publication.

2) SCIENTIFIC FRAUD

Ophiussa will seek to detect manipulation and falsification of data, plagiarism or duplicity, with the appropriate detection mechanisms.

3) Editorial policy and procedures:

a) Authors must have participated in the research process and in the review process, and must ensure that the data included is real and authentic and are obliged to issue retractions and corrections of errors of published articles;

b) Reviewers must carry out an objective and confidential review and have no conflicts of interest (research, authors or funders), and must indicate relevant published works that were not cited;

c) In the detection of fraud or malpractice in the evaluation phase, it must be indicated by the reviewers and in the post-publication phase by any reader.

d) In case of detection of bad practices in the evaluation phase or of detection of previously published articles, the Editorial Board will send the occurrence to the author, establishing a period of 7 days for clarification, which will be subsequently evaluated by the Editorial Board. In the post-publication phase, the Editorial Board may file or determine the retraction in a subsequent issue, indicating the previous procedures.

Digital file preservation policy

The journal guarantees the permanent accessibility of digital objects through backup copies and use of DOI, integrating the Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), which generates a decentralized file system.

Regarding the self-archiving, the magazine also includes Sherpa/Romeu

(<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Open access policy

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. It follows Creative Commons guidelines (license CC/BY/NC/ND 4.0).

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

For more information contact:

ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

Origins of raw milk consumption in the Iberian Peninsula and Portuguese territory: archaeogenetics and zooarchaeology GONÇALO GARCEZ FERNANDES, MARIA JOÃO VALENTE, HUGO RAFAEL OLIVEIRA, MARIA JOÃO FERNANDES MARTINS	5
A estátua-menir 3 da Serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) ANDRÉ TOMÁS SANTOS, SÍLVIA LOUREIRO MENDES, DIOGO OLIVEIRA, DOMINGOS J. CRUZ	25
La estela de Villafranca de los Barros y su contexto en la arqueología de Tierra de Barros PABLO PANIEGO DÍAZ, LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, MARIO PIÑERO FERNÁNDEZ	43
Mértola en la Edad del Hierro: investigaciones arqueológicas entre Estácio da Veiga y la actualidad (1877-2024) PEDRO ALBUQUERQUE, FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ, JOÃO FONTE	67
O sítio arqueológico de Alto do Castelo (Alpiarça). Revisão arqueológica e novas leituras não intrusivas JOÃO PIMENTA, TIAGO DO PEREIRO, JOÃO FONTE	89
El proceso de extracción de cobre en el Cerro de los Almadenes. Nuevas hipótesis y replanteamientos a través de un estudio comparativo JUAN ÁLVAREZ GARCÍA, GONZALO LOZANO OTERO, MARIANO AYARZAGÜENA SANZ	121
A cidade romana de <i>Ossonoba</i> nos inícios da nossa Era: novos dados a partir da intervenção na rua Ivens, n.º 16 FRANCISCO ROSA CORREIA, ANA MARTIN, JOÃO PEDRO BERNARDES	145
Regressar ao túmulo: a primeira campanha do Projecto de Documentação da Mastaba de Akhmerutnisut (G 2184, Guiza, Egipto) INÉS TORRES, LUIZA OSORIO G. SILVA, GUILHERME BORGES PIRES, MAARTEN PRAET, MOHAMED YOUSSEF SEDEK, MOHAMED KHALIFA, YASSER KAMAL HEFNI	165
The Writing of Archaeological Theory ARTUR RIBEIRO	187
<i>Res Naturae</i> . Archaeology in a posthuman Anthropocene and the archaeology of nature: a preliminary attempt MARA BEATRIZ AGOSTO	201
Recensões bibliográficas (TEXTOS: JOÃO PIMENTA, ANTÓNIO CARVALHO, YUNA LE QUÉRÉ, AMÍLCAR GUERRA CARMEN RAMÍREZ CAÑAS, CRISTINA GAMEIRO)	221
Política editorial	239
Editorial policy	240